

António Lobo Antunes: quatro crônicas*

*Nilze Paganini***

RESUMO

Os textos de António Lobo Antunes extrapolam uma categorização rígida de gênero, abrangendo elementos da crônica jornalística, propriamente dita, da autobiografia e do memorialismo. As quatro crônicas abordadas neste estudo são exemplares também para a observação do uso da ironia e da crítica social por parte do escritor.

Palavras-chave: Crônica; António Lobo Antunes; Ironia; Autobiografia; Memorialismo.

Crônicas, de António Lobo Antunes, seguiu o itinerário comum a esse gênero: o material foi publicado inicialmente em jornal e depois reunido em livro. Com efeito, as reflexões e observações de António Lobo Antunes conformam-se às exigências de espaço e tempo de produção e recepção de um periódico. São curtas, rápidas, concisas.

O fato de se destinar a um público mais amplo faz com que o gênero crônica seja uma prática extraordinária para o escritor que deve se exercitar, periodicamente, em espaços relativamente exíguos. Além de ter de lidar com todas as implicações relativas a tempo, espaço e assunto para crônicas semanais, o escritor precisa manter uma certa quali-

* Trabalho final do curso “O saber da escrita na literatura contemporânea”, ministrado pelos Profs. Drs. José Maria Cançado e Lélia Parreira Duarte, no 1º semestre de 2004, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas.

dade literária legitimadora da escolha de seu nome para assinar aquele determinado texto, que ocupa um lugar de destaque no jornal. No caso de António Lobo Antunes, a concisão passa a ser mais um elemento positivo em sua obra e, não por acaso, suas crônicas concentram basicamente as mesmas características que podem ser apontadas em seus romances, sem prejuízo de suas virtudes (Cf. GOMES, 1993, p. 83 ss).

Antonio Candido (1992, p. 20) já nos lembrou que a crônica pode dizer coisas, as mais sérias possíveis, por meio de uma aparente conversa fiada. Para Candido, a crônica apresenta ainda as seguintes características: ironia, lirismo, casualidade e rapidez dos diálogos, juntamente com o uso de monólogos. As crônicas do escritor português são elaboradas de acordo com essas particularidades, mas a facilidade da linguagem não isenta o leitor de se deparar com temas complexos como morte, amor, solidão, memória, infância, etc., inseridos num contexto de crítica social. Outro tema que aparece por quatro vezes no livro refere-se à desmitificação da figura do escritor.

Em “O grande homem”, os dois primeiros parágrafos trazem a imagem de celebridade que o narrador julga possuir após a publicação de seu livro. Ele se auto-refere como gênio, talento que precisará desfilar de óculos *ray-ban* e guarda-costas depois de ter concedido entrevista à televisão.

A narrativa em primeira pessoa torna manifesta a ironia que, expondo ao ridículo o narrador/personagem, está, de fato, ironizando as outras celebridades, sem nomear ninguém. Ao voltar para si a crítica, o narrador, na verdade, a “devolve” aos tipos ridículos que a sociedade eleva ao patamar de famosos, criando para eles um ritual pomposo.

Ao estudar a ironia, Maria de Lourdes Ferraz (1987, p. 20-21), aponta o ironista como um observador da dualidade, como alguém que cria um aspecto de afirmação à duplicidade que observa, conseguindo, dessa maneira, revelar o que é, pelo que não é. Para a autora, não existe ironia sem intenção irônica, o que implica, necessariamente, em simulação. Ao mesmo tempo, o efeito irônico só se realiza numa estrutura comunicativa na qual, tanto o sujeito responsável pela enu-

ciação, como o receptor, compartilhem de um mesmo código. O conhecimento de ambas as partes de uma convenção preestabelecida faz com que o efeito irônico pretendido pelo autor seja percebido pelo leitor e a comunicação se efetive. Em “O grande homem”, o leitor pode identificar a ironia a partir do título e lê a dualidade proposta pelo texto como convencionalização de crítica social.

Os parágrafos seguintes funcionam para que desabe o mito do escritor, idealizado pelo narrador. Várias circunstâncias, as mais corriqueiras, como uma fila de carros, um vocabulário gastronômico e relativo a restaurantes são introduzidas, provocando um efeito de banalidade, anonimato. Finalmente, o dono do restaurante reconhece o personagem, mas não como “o escritor”, e sim como a criança que fizera traquinagens na infância. O ápice dessas lembranças se concentra no corretivo aplicado ao menino “Antoninho”, pelo dono do restaurante, transformado em bordão: “— Dei tanto pontapé no cu daquele gajo!”.

Sem conseguir o reconhecimento de que se julgava merecedor, o narrador/personagem/escritor vai embora para nunca mais voltar àquele local de sua infância. Tinha compreendido, afinal, que os portugueses não o mereciam, mas continuava sendo um célebre escritor. O coloquialismo da linguagem serve para o que Antonio Candido (1992) chama de “quebra do monumental” (p. 14). O recurso à oralidade e a elementos do cotidiano surge para compor a cena e fazer demolir os delírios de reconhecimento do escritor/personagem. Para Candido (1992),

... a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, uma revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (p. 14)

Em “Os sonetos a Cristo”, outro mito a ser destruído é o do talento nato. Essa crônica começa desmanchando a idealização dos motivos que levaram o escritor/narrador a escrever. Logo de início, o narrador

critica a imprensa por querer do escritor uma opinião sobre qualquer assunto. Na verdade, a crítica se apresenta invertida. Aparentemente, o personagem critica a si próprio por não possuir opinião, por não ser sincero ao fazer declarações. Contudo, como já apontamos na crônica mencionada anteriormente, ao fazer esse movimento de “autocensura”, o narrador consegue reverberar a ironia para o outro que, em nenhum momento, é alvo de crítica direta.

O motivo real do interesse do narrador pela escrita, apresentado como tendo início aos 13 anos, é o mais trivial: o adolescente queria dinheiro para suas despesas pessoais. Para tanto, escreveu quadras e tercetos sobre o martírio de Jesus e os ofereceu, compungidamente, à sua avó, que lhe pagou por eles, convencida da religiosidade do neto.

Colocando a questão da escrita ao lado do dinheiro, o narrador retira a aura do escritor inspirado e desinteressado por questões materiais. Ao se iniciar na “literatura”, ele usava o pagamento dos sonetos para objetos como “pastilhas elásticas”, “bolos de arroz”, mas também para a compra de livros de segunda mão. O interessante é que, nesse momento, o narrador se trai, pois, ao tentar construir uma imagem de si, enquanto escritor, apartada do sublime, revela que os livros eram objetos de seu desejo. Por mais que insira uma crítica à família burguesa, que une patrimônio e religião no mesmo patamar,¹ o narrador ressalva para a ternura, ao lembrar-se de um tempo em que a avó lhe dava beijos que agora não recebe mais.

“Os computadores e eu” é uma crônica que se concentra mais no menosprezo às máquinas. O narrador se diz inabilitado a lidar com a tecnologia, declara medo aos “símbolos do progresso” e concentra seu horror nos computadores, capazes de “engolir um romance inteiro”, transformar “capítulos em poesia experimental”, retirando os “ossos” de seus parágrafos, “reduzindo-os a um purê de adjetivos”. O perso-

¹ “A minha avó, convencida de que o neto preparava uma carreira de arcebispo, abria o cofre que, não sei porquê, andava sempre junto dos santinhos...” (ANTUNES, 1995, p. 16).

nagem prefere escrever à mão para livrar-se da fera-computador que não obedece aos seus comandos.

Nesse texto, o pavor do escritor em relação às máquinas alienantes criadas pelo homem o faz escolher um tipo de escrita que liga diretamente pensamento-mão-caneta-papel, sem a intermediação da alta tecnologia que o afasta de uma maneira antiga e, talvez mais sábia, do fazer literário.

Escrito a partir do ponto de vista de um eu ficcionado, esse texto nos remete a dois outros gêneros: a autobiografia e o memorialismo, apesar de não poder ser considerado, a rigor, como nenhum deles, e de termos que reconhecer a dificuldade de se estabelecer uma distinção rigorosa entre os dois tipos de escrita.

... a distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade, características essenciais da autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida. (...) a autobiografia propriamente dita seria uma auto-representação (o indivíduo assume papel preponderante no texto) e as memórias uma cosmo-representação. Entretanto, dada a impossibilidade da narrativa restringir-se exclusivamente à focalização do *eu* que narra, este, ao desencadear a retrospectiva, olha não apenas para si e para outros *eus* que com ele interagiram, e com os quais estabeleceu relações recíprocas, mas também para um determinado contexto histórico-geográfico, que pode ser objeto de maior ou menor atenção. (MIRANDA, 1992, p. 36-37)

Mesmo levando-se em conta que o pacto de leitura feito com o leitor é o de que ele tome “Os computadores e eu” como crônica, não podemos deixar de notar que há uma certa hibridização desses escritos que transitam pela esfera do testemunho histórico e da vida pessoal daquele que os assina. Há uma regressão à guerra de libertação em Angola. A lembrança de um tempo e lugar datados historicamente é entremeadada de revelações pessoais. Ao mesmo tempo, sabemos do cará-

ter primeiro de ficcionalidade do texto, o que nos leva de volta à enunciação de um eu que se constrói transitando por essas indefinições.

“A feira do livro” é exemplar na demolição da figura do escritor. Como qualquer comerciante, ele vai a uma feira vender o seu produto. Não há nenhuma regalia para o personagem. Ele está suado, cansado, sedento, mas deve cumprir sua jornada de autógrafos até às sete horas da noite.

De ironia em ironia, o narrador revela-se e mostra o ambiente da feira de livros que o rodeia, fragmento do mundo de consumo em que vivemos. Ao mesmo tempo em que se vê como uma etiqueta que, ansiando por se tornar uma grife famosa, não ultrapassa a convivência como os livros-saldos, os de auto-ajuda impossível, as biografias ridículas e os compradores que estão longe de se configurarem em leitores-modelos.

Uma das características da prosa portuguesa contemporânea, apontada por Álvaro Cardoso Gomes (1993, p. 106-109) é a assimilação, em seu corpo, da poesia. Ao insurgirem-se contra a grandiloquência herdada de um outro tipo de discurso considerado modelar, os romancistas buscaram limpar a prosa desse retoricismo, encontrando na poesia a condensação da linguagem que ilumina a palavra e lhe dá um significado mais profundo. Assim, ao fazerem uso da metáfora, conseguem criar efeitos mais ricos e luminosos, como no seguinte trecho de “A feira do livro”:

O céu enche-se de nuvens Magritte. Proponho à minha filha uma corrida até ao automóvel e o último a chegar é maricas. No carro ao lado do nosso, o autoritário da Fernanda descompõe a dita: tem uma mascote no retrovisor, duas no vidro traseiro, o autocolante de uma menina de chapéu no guarda-lamas, e interrompe-se para informar:

— Aquele é o gajo que escreveu o livro.

A Fernanda, toda transparência e folhos, lança-me um rímel distraído do alto da sua opulência glandular, e a Isabel que lhe apanhou a indiferença e o soslaio em pleno voo, aconselha-me, com pena de mim, a caminho do hamburger do jantar:

— Depois disto tudo, eu achava melhor o pai não ser escritor. (ANTUNES, 1995, p. 117)

Ao selecionarmos essas quatro crônicas do livro de Antônio Lobo Antunes, levamos em conta o que elas tinham em comum. Ou seja, a problematização da escrita e da figura do escritor, o uso do “eu”, o coloquialismo da linguagem, a ironia, a crítica social.

“O grande homem” lida com a duplicidade irônica. Existe um eu que reflete outros tipos sociais, sendo que a intenção irônica pretende erodir a imagem do escritor enquanto celebridade.

Também em “Os sonetos a Cristo” há um processo de corrosão da idéia do escritor como ser inspirado. Ao mostrar a real intenção do “escritor” como sendo a de transformar os sonetos em objeto de troca, o narrador aproveita-se para criticar a família burguesa-católica, representada pela avó, mas que também é merecedora de um olhar terno e saudoso. A contradição, ou não, inerente no episódio narrado é que o personagem realmente se interessa por livros. Eles estão em condição de igualdade no mundo do consumo e, assim como outros objetos comprados, também lhe podem dar prazer.

As máquinas tomadas como alegorias de um mundo capitalista que destrói relações humanas é o que encontramos em “Os computadores e eu”. O narrador quer estabelecer que a escrita é uma função humana e não mecânica. Por outro lado, as lembranças de uma época em que o narrador travou contato com a sabedoria milenar de uma nação angolana mostram a crônica fecundada pelos gêneros autobiografia e memorialismo.

O escritor como um simples comerciante, circundado por seres e situações as mais vulgares possíveis é o cenário de “A feira do livro”. A poesia, entrevista na mediocridade e em situações adversas, reinventa a palavra e consegue ser bela.

Em suma, *Crônicas*, na ausência de rebuscamento da linguagem, aproxima-se do leitor, seja ele de jornal ou de livro. Fazendo uso de recursos poéticos, dignifica a palavra. Utilizando uma classificação convencional de gênero – crônica, ultrapassa essa categoria, atingindo outras possibilidades como o memorialismo e a autobiografia, mas permanecendo no âmbito do que reconhecemos como literatura.

ABSTRACT

António Lobo Antunes's texts surpass a rigid gender categorization, including elements of journalistic chronicle, autobiography and memorialism. The four selected chronicles for this study are also exemplary for the observation of the author's use of irony and social criticism.

Key words: Chronicle; António Lobo Antunes; Irony; Autobiography; Memorialism.

Referências

ANTUNES, António Lobo. *Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Edusp, 1993.

FERRAZ, Maria de Lourdes A. *A ironia romântica*. Lisboa: IN-CM, 1987.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.